

Arquiteta projeta ‘casa’ para vítimas de desastres naturais

**Nas
ban
cas**

Habitação para situações emergenciais pode ser acondicionada em espécie de maleta

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

Dois dias após as chuvas terem alagado o município de São Luiz do Paraitinga – cidade turística no interior do Estado de São Paulo –, em janeiro de 2010, mais de cinco mil pessoas não tinham como voltar pra casa. Os danos materiais deixaram milhares de desabrigados que precisaram buscar acolhida em locais improvisados oferecidos pelas autoridades. A tragédia foi o ponto de partida da arquiteta Giovana Savietto Feres para desenvolver um projeto de habitação efêmera para situações emergenciais.

O projeto consiste em construções pré-fabricadas e desmontáveis, feitas de polietileno de alta densidade – o mesmo material usado em dutos de ar condicionado –, com boa resistência e que oferece conforto térmico e acústico para os seus usuários, sem necessidade de se utilizar argamassa ou cimento. Pelo projeto, os módulos são individuais e transportados em uma espécie de maleta para serem usados quantas vezes forem necessárias em situações de emergência. Poderiam ser instalados em um local,

longe do perigo dos desastres naturais, para abrigar as vítimas por um período determinado. Segundo apurou a arquiteta, em média, 50% dos acampamentos emergenciais duram mais de cinco anos, enquanto apenas 25% permanecem menos de dois anos.

“A ideia é implantar um bairro novo e provisório para o primeiro socorro das vítimas, mas mesmo assim seria dotado de toda infraestrutura para que morassem com relativo conforto e sem ter que recorrer às escolas e ginásios ou às barracas improvisadas e desprovidas das necessidades básicas”, explica Giovana, que visitou várias vezes São Luiz do Paraitinga para fundamentar seu trabalho.

O projeto foi apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), na Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo (FEC), em dezembro último. Orientado pelo professor Leandro Medrano, o TCC arrancou elogios da banca examinadora, formada por especialistas na área. “O assunto é novo no Brasil e o tema surpreendeu os professores por ser inusitado. Além disso, trata-se de um problema real no país. Giovana conseguiu uma solução simples e factível”, salienta Medrano. Segundo ele, por sugestão da banca, será construído um protótipo da habitação para ser apresentado ao Ministério das Cidades, como proposta a ser implantada no Brasil.

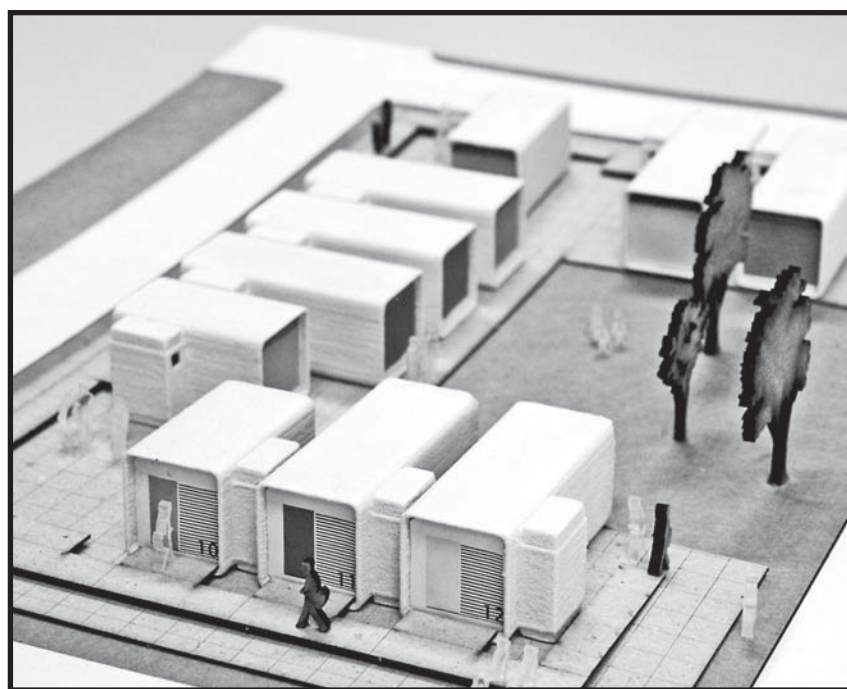
Medrano lembra que, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), o número de desastres naturais passou de uma média de 50 por ano, na década de 1960, para 165 por ano na década de 1980. Ademais, estima-se que são cerca de 1,7 bilhão de pessoas afetadas nos anos 90. “É certo que os fenômenos vão continuar acontecendo, e a arquitetura pode buscar soluções para auxiliar os desabrigados de eventos como terremotos ou enchentes. A proposta apresentada é viável, além de sustentável”, elogia.



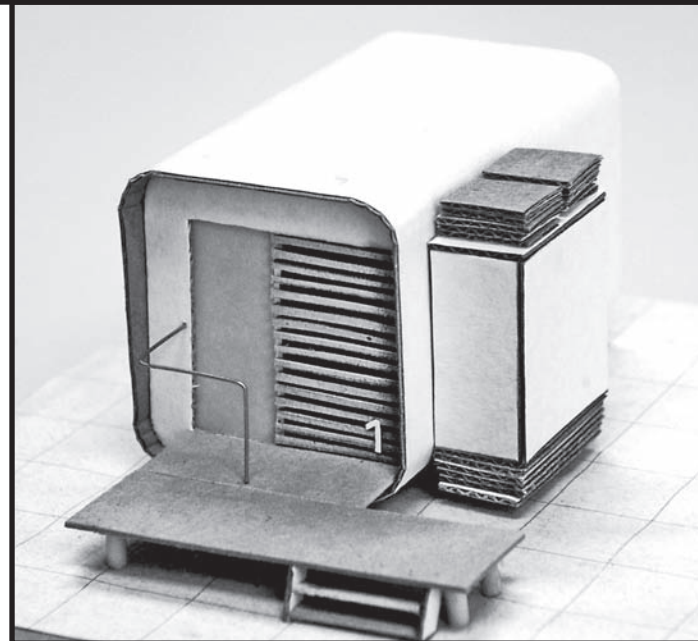
O professor Leandro Medrano, orientador, com Giovana Savietto Feres, autora do projeto: elogios da banca examinadora

Mesmo sendo um projeto inicial, o abrigo emergencial portátil apresenta uma riqueza de detalhes grande e uma preocupação com a preservação do meio ambiente. Tudo foi pensado como forma de solucionar as questões de espaço e oferecer praticidade para ser montado em poucas horas. Os cômodos, por exemplo, foram projetados para abrigar famílias de quatro, seis ou oito pessoas, podendo perfeitamente ser montados por apenas duas pessoas. O módulo para quatro pessoas, por exemplo, possui em torno de 16 metros quadrados. Ademais, há possibilidade de ser adaptado para abrigar escolas, posto de saúde e outras instalações necessárias para proporcionar uma estadia adequada aos desabrigados por um período de cerca de um ano.

O piso, feito de material reciclado à base de pneu, aumenta a sustentabilidade do projeto. Já as camas seriam dobráveis no formato leito, como os de carros de passageiros de trens. A habitação teria ainda uma bancada para acomodar a pia e fogão elétrico.



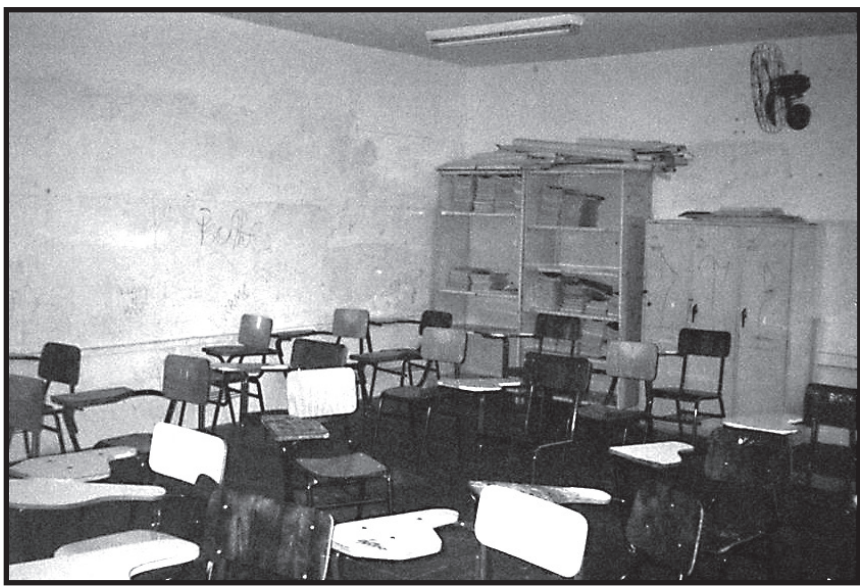
Maquete do projeto: módulos podem ser agrupados em torno de uma praça central, destinada ao lazer dos moradores



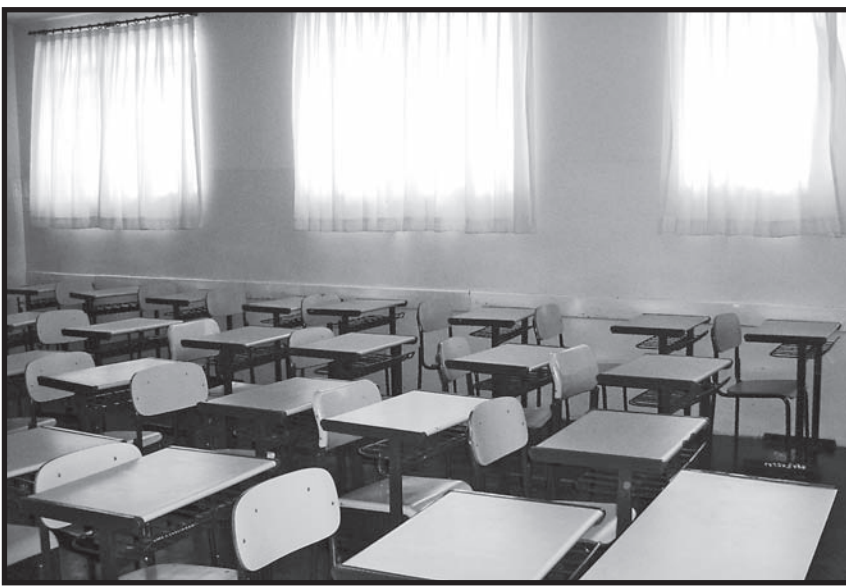
A habitação efêmera: módulo pode ser montado facilmente por duas pessoas

O banheiro seria químico, semelhante àqueles utilizados na construção civil. Todo o projeto de instalação hidráulica e elétrica também seguiria o modelo sustentável, com utilização

de energia eólica. Os módulos podem ser agrupados e formados em torno de uma praça central, destinada ao lazer dos moradores, à semelhança do que ocorre em um bairro planejado.



Sala de aula antes e depois do envolvimento dos alunos com a arte: patrimônio passou a ser visto de outra maneira



Peça encenada por alunos em Santa Bárbara d'Oeste: adesão maciça ao projeto

Arte muda relação de alunos com escola pública

Investimento em projetos artísticos altera comportamento de estudantes

Investir fortemente em projetos artísticos na proposta pedagógica da EE Professora Irene de Assis Saes, localizada na cidade de Santa Bárbara d'Oeste, interior do Estado de São Paulo, fez com que os alunos modificassem positivamente suas relações com a escola. “O local era muito deteriorado. Eram paredes pichadas, armários amassados, trilhos de cortinas e ventiladores quebrados. Tudo era muito feio”, relata a diretora Simeire

Cristina Hackmann Ferreira em sua dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Educação (FE).

A reviravolta aconteceu, segundo a diretora, quando os alunos passaram a participar ativamente de eventos culturais e artísticos promovidos pela Secretaria de Cultura da cidade entre 2002 e 2007. O Festival de Teatro Estudantil de Santa Bárbara (Fetesb) e o Verso Vivo são programas que estimulam os estudantes da rede de ensino a montarem peças teatrais e a declamarem poemas, respectivamente, que são apresentados no teatro municipal de Santa Bárbara. Com o envolvimento nestes projetos, Simeire atesta que foi visível a redução da depredação, assim como a melhoria do rendimento escolar e a maior participação da comunidade na instituição escolar.

A escola conta com 1,2 mil alunos de ensino fundamental e médio e, atualmente, não há sequer uma parede pichada. Pelo contrário, os alunos conservam o prédio escolar

e criaram a consciência de que se trata de um patrimônio público. “A escola passou a se destacar na cidade e, muitos que se envergonhavam, começaram a perceber as mudanças e, até mesmo, a se orgulhar de estudar no local”, comemora.

Para embasar a sua pesquisa, orientada pela professora Dirce Djanira Pacheco e Zan, a diretora da escola realizou 13 entrevistas entre professores, alunos e também com o idealizador do programa Verso Vivo. Em todas as entrevistas é possível notar o ambiente escolar positivo criado a partir de iniciativas de aproximar o aluno da arte, além do ganho cultural para a escola. As peças encenadas em 2005 e 2006 foram selecionadas para participar do Festival de Teatro do Estado de São Paulo, em Tatui e, em 2004, chegaram a contar com 36 alunos em palco, sendo que um número significativo de estudantes esteve nos bastidores, com atividades de montagem de cenário, figurino, maquiagem,

trilha sonora e outros serviços.

Segundo Simeire Ferreira, outras ações também foram implementadas no sentido de desenvolver uma campanha de valorização da escola. No entanto, em sua opinião, o fato de envolver os estudantes nas atividades artísticas, foi o fator motivador para enxergarem a escola sob outra perspectiva. Em 2002, explica a diretora, o quadro era desanimador, mas atualmente a escola já está em outro patamar.

No caso do Verso Vivo, é interessante destacar que, para a seleção dos participantes, a escola organiza uma versão reduzida do programa. Para isso, conta com a ajuda dos professores e convidados externos no júri. Pelas regras, podem participar apenas 12 alunos de cada escola e são declamados poemas de autores consagrados e de escritores da cidade de Santa Bárbara. Outros tantos estudantes participam da torcida organizada da escola. Todo esforço para a seleção dos alunos dura, em média,

dois meses. Em sala de aula, os professores trabalham o tema que depois resulta em apresentações públicas.

Já o Festival de Teatro Estudantil, evento que envolve o maior número de estudantes, não teve edição em 2009 e 2010. Simeire explica que, a partir de 2008, a escola precisou investir na reorganização da estrutura para se adequar à implementação por parte da Secretaria de Educação do Estado do currículo e material único adotados por todas as unidades. “Com isso, a adequação das mudanças curriculares do Estado comprometeu o envolvimento com as atividades artísticas e culturais da cidade”, lamenta. (R.C.S.)

■ **Publicação**
Dissertação de mestrado: “Possíveis relações entre escola e arte: um estudo de caso da Escola Estadual Professora Irene de Assis Saes”
Autor: Simeire Cristina Hackmann Ferreira
Orientador: Dirce Djanira Pacheco e Zan
Unidade: Faculdade de Educação (FE)